

DESENVOLVIMENTO

Elevação da taxa para 17,2%, com aplicação de R\$ 102,6 bilhões de janeiro a março, faz com que especialistas acreditem em alívio para a inflação

Investimento aumenta

VICENTE NUNES

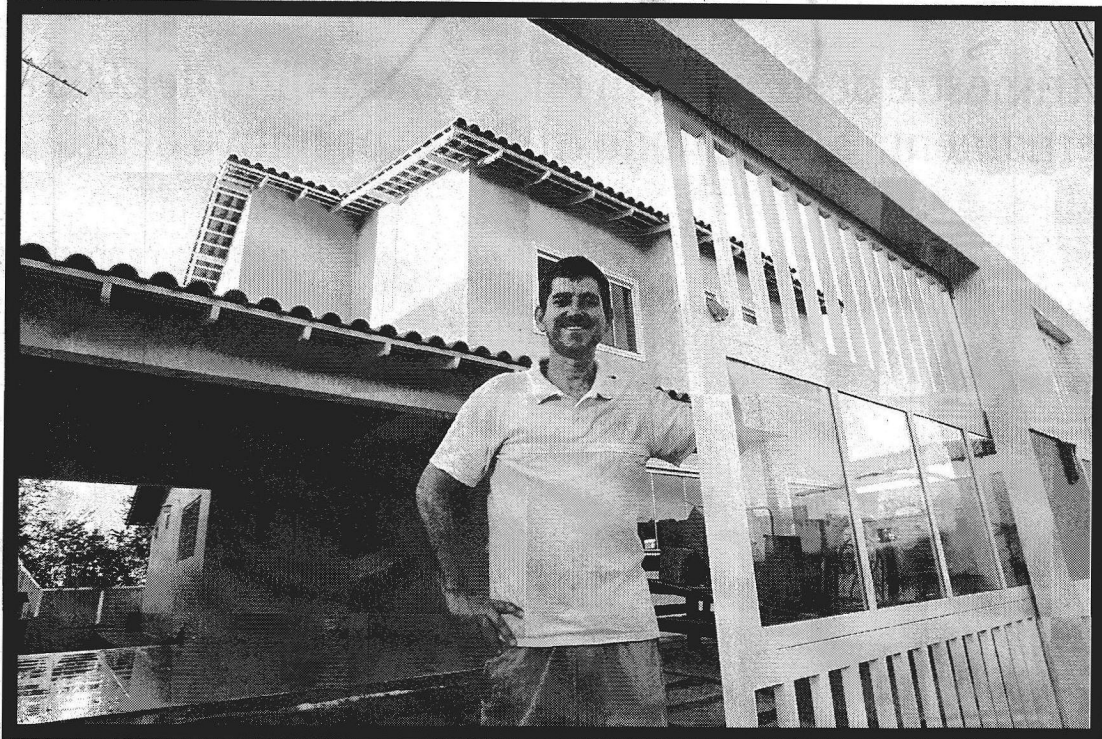
DA EQUIPE DO CORREIO

A despeito de terem enterado a possibilidade de o Brasil crescer 5% neste ano, o que aproximaria o país da média das economias emergentes, que se expandam a taxas superiores a 7% ao ano, os especialistas não esconderam o entusiasmo com um dado bastante alentador divulgado ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): os investimentos produtivos estão em alta, crescendo a uma velocidade quase duas vezes maior do que a do Produto Interno Bruto (PIB). "Foi a melhor notícia dada pelo IBGE", disse o economista-chefe do Banco ABC Brasil, Luís Otávio de Souza Leal. Mais investimentos, acrescentou ele, são a garantia de que não haverá escassez de produtos no futuro, um alívio danado para a inflação.

Segundo a economista Cláudia Dionísio, da Gerência de Contas Nacionais do IBGE, a taxa de investimentos atingiu, nos primeiros três meses do ano, 17,2% do PIB, igualando-se ao índice registrado no mesmo período de 2006. "Trata-se da maior taxa desde o primeiro trimestre de 2001", afirmou. Apenas entre janeiro e março, os investimentos totalizaram R\$ 102,6 bilhões, volume 7,2% maior que o verificado no primeiro trimestre de 2006. Junto com a taxa de investimentos (ou Formação Bruta de Capital Fixo - FBKF), cresceu a taxa de poupança. O índice bateu em 17,4% do PIB, o patamar mais elevado desde os três primeiros meses de 2004 (18,3%).

A taxa poupança, acrescentou Cláudia, aumentou um ponto percentual frente ao primeiros trimestre do ano passado (16,4%). E a razão, destacou, foi a renda dos brasileiros, que teve incremento superior à elevação do consumo. Ou seja, com mais dinheiro no bolso, mesmo satisfazendo suas necessidades, a população conseguiu economizar um pouquinho mais. Foi o caso

Joedson Alves/Especial para o CB



PAULO NOGUEIRA APROVEITOU A INFLAÇÃO SOB CONTROLE PARA ECONOMIZAR E CONSTRUIR A CASA PRÓPRIA

do professor Paulo Nogueira, 48 anos. Durante os últimos 10 anos, ele poupou para construir, em Vicente Pires, a tão sonhada casa própria, avaliada em R\$ 100 mil. "O bom cenário econômico, com a inflação sob controle, permitiu que eu fizesse um planejamento familiar e construísse a casa, principalmente nos últimos seis meses", disse.

A dona-de-casa Maria Dagmar dos Santos, 33, ainda não conseguiu ver sobras de dinheiro. Mas também sentiu no bolso o aumento da renda. Moradora da Estrutural, Maria vive com o marido, seis filhos e dois enteados. E, mesmo com uma renda familiar mensal de R\$ 530 para sustentar tanta gente, está conseguindo suprir todas as necessidades básicas. "Na hora de fazer as compras, estou sempre levando para casa uma quantidade maior de alimentos", contou.

A economista do IBGE tem a explicação para os relatos de Nogueira e Maria. Além da massa de salários ter aumentado 6,4% nos

primeiros três meses ante igual período de 2006, houve uma elevação de 24,6% na concessão de empréstimos a pessoas físicas. Nessa mesma comparação, a taxa básica de juros (Selic) caiu quatro pontos percentuais, de 17,2% para 13,2% ao ano. A oferta de crédito também foi maior para as empresas: 25,4% de aumento. O que, na avaliação de Cláudia Dionísio, permitiu tanto ao comércio quanto à indústria ampliarem os investimentos.

Construção lenta

A combinação de juros em queda e mais disposição dos bancos para emprestar — o setor financeiro (incluindo seguros e previdência) registrou crescimento de 9,2% no trimestre — deu gás à construção civil. Mas a expansão do setor, considerada vital para o PIB, ficou aquém do esperado: alta de 2,4% ante os três primeiros meses de 2006, índice inferior aos computados nos dois trimestres anteriores (3,1% e 5,8%, respectivamente). A expectativa do setor,

no entanto, é de que o segundo trimestre de 2007 seja mais favorável, devido aos recordes de financiamentos divulgados pelo sistema financeiro.

Para Carlos Thadeu de Freitas Gomes, economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio (CNC), o crédito e a renda serão fundamentais para sustentar o PIB nos próximos trimestres. Ele ressaltou ainda que, com o ritmo mais forte dos investimentos produtivos, o Banco Central não terá grandes problemas para conduzir a política monetária. Na avaliação de Thadeu, mesmo que os juros continuem caindo, não haverá a esperada recuperação do dólar, como deseja a indústria. Bom para os consumidores de produtos que usam matéria-prima e insumos importados, como computadores e telefones celulares. Justamente por estarem mais baratos, os serviços de informação, que agregam informática e telefonia, aumentaram 7,3% sobre os primeiros três meses de 2006.